



COMO ELES MORRERAM



*A vida, a morte e os “endereço
permanentes” de personalidades
da música, do cinema, da televisão,
da literatura, da política e dos esportes*

Tod Benoit

COMO ELES MORRERAM

*A vida, a morte e os “endereços
permanentes” de personalidades
da música, do cinema, da televisão,
da literatura, da política e dos esportes*

Tradução
Carolina Caires Coelho
Leonardo Antunes



Copyright © 2003 Tod Benoit

Esta edição foi publicada com a autorização de Black Dog & Leventhal
Publishers, Inc. Nova York, NY. Todos os direitos reservados.

Supervisão editorial **Marcelo Duarte**

Assistente editorial **Tatiana Fulas**

Projeto gráfico **Ana Miadaira**

Diagramação **Estúdio O.L.M.**

Preparação **Valquiria Della Pozza**

Revisão **Ana Maria Barbosa**
Cristiane Goulart
Vera Lucia Quintanilha

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B417c

Benoit, Tod

Como eles morreram / Tod Benoit ; [tradução Leonardo Antunes e
Carolina Caires Coelho]. - 1.ed. - São Paulo : Panda Books, 2008.

1. Celebidades - Morte - História. 2. Celebidades - Túmulos. I. Título.

07-2391.

CDD: 393

CDU: 393

2008

Todos os direitos reservados à
Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Lisboa, 502 – 05413-000 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3088-8444 – Fax: (11) 3063-4998

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Este livro é dedicado à memória de Don Schellhammer, que faleceu em novembro de 2001 após uma doença prolongada. Aos 58 anos, Don foi enterrado no cemitério St. Anne, em Sturbridge, Massachusetts.



AGRADECIMENTOS

O autor é sinceramente agradecido às seguintes pessoas por suas inestimáveis contribuições: Brian Benoit, por se juntar a mim na extraordinária corrida de Seattle a San Diego em 1996; Meryl Brodsky, por seu trabalho como pesquisadora bibliotecária e pelos incontáveis apoios; Becky Koh, por toda sua generosidade e por ter apresentado o meu trabalho à editora Black Dog & Leventhal; Cindi Inman, por localizar minhas últimas almas perdidas; Laura Ross, a editora perspicaz cujo incansável entusiasmo trouxe luz ao fim do túnel (e que, certamente, editará esta frase); Sid Roberts, pela hospitalidade em sua casa nas montanhas; e Alisa Zinno, pela imensa simpatia.

Eu também estou em dívida com J. P. Leventahl e os funcionários e *free lancers* da editora Black Dog & Leventhal, incluindo Cindy LaBrecht, Kylie Foxx, Michael Driscoll, Sara Cameron, Dara Lazar, Gregory Hurcomb e True Sims. Seus esforços conjuntos deram uma qualidade a este trabalho que eu nunca poderia ter imaginado.

Finalmente, créditos a centenas de pessoas anônimas, de escrivões e diretores de casas funerárias a funcionários de cemitérios e sacerdotes, por se disporem a contribuir com esta causa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

— 9 —

DESTAQUES DA GERAÇÃO X

— 15 —

ÍCONES DA GERAÇÃO BABY BOOM

— 19 —

MEMÓRIAS MAIS ANTIGAS

— 39 —

HERÓIS DO ESPORTE

— 58 —

PERSONALIDADES DA TELEVISÃO E DO CINEMA

— 63 —

MULHERES ORIGINAIS

— 132 —

GRANDES NOMES DA LITERATURA, DA FILOSOFIA E DAS ARTES

— 145 —

HERÓIS DO ROCK E DO BLUES

— 205 —

ÍCONES DA MÚSICA POPULAR

— 234 —

PERSONALIDADES FAMOSAS E INFAMES DA MÍDIA

— 252 —

FIGURAS NOTÁVEIS DA HISTÓRIA

— 274 —

COMO ENCONTRAR O LOCAL DO SEPULTAMENTO

— 311 —

ÍNDICE REMISSIVO

— 316 —



INTRODUÇÃO

*O amanhã é a coisa mais importante da vida.
Ele se aproxima bem claramente de nós à meia-noite.
É perfeito quando chega e se coloca sobre nossas mãos.
Na esperança que tenhamos aprendido algo com o ontem.*

Epitáfio de John Wayne

Se não me falha a memória, aquela manhã fria de 9 de dezembro de 1980 se tornou amargamente gelada, pelo menos para mim, por volta das dez horas. Acho que foi então que tudo isto começou, mais ou menos.

Tomei o meu lugar em uma aula de inglês. Nada de novo ali, e, quando o sinal tocou, alguns momentos depois, Chris Lozier saltou de sua cadeira e parou bem na minha frente. Ela era radiante e alegre, e naquela época a sua chegada era o que havia de melhor na vida.

“Você conseguiu acreditar nessa do John Lennon?”, ela perguntou.

“O quê? Ele gravou um álbum de *disco music*?”

“Não, ele morreu. Atiraram nele ontem à noite.”

E foi assim. O rápido lampejo de uma arma havia feito outra vítima. John Lennon não era a primeira figura pública a morrer, e não seria a última, mas a insensatez de sua morte e a estupidez daquele ato brutal contra uma vida orientada pela bondade deixaram uma marca inquestionável. Enquanto uma geração que havia crescido com a trilha sonora dos Beatles reconhecia sua própria mortalidade, o mundo lamentava. Na escola, alguns meses mais tarde, fomos presenteados com *Imagine*, de Lennon, interpretada pelo mais improvável cantor, um colega de classe chamado John Wood. Ele cantou durante uma reunião e, ao terminar, toda a turma aplaudiu com reverência. Mesmo que a sombra da morte de Lennon ainda existisse, os pedaços tinham sido recolhidos e todos haviam superado. Não havia mais nada a fazer.

Em meados da década de 1980, cursei a Universidade de Lowell, em Massachusetts, absorvendo todas as doutrinas do famoso filho literário daquela cidade, Jack Kerouac, um bêbado hilariante cuja mente explorava os pontos fracos da sociedade. Em 1969, Jack bebeu até morrer, e em

algumas rodas da cidade havia o boato de que ele estava enterrado em um cemitério próximo. Como eu e meus amigos já havíamos freqüentado seus antigos abrigos, uma peregrinação ao túmulo do escritor parecia algo bem apropriado.

A visita mostrou-se mais complicada do que eu esperava. Existem inúmeros cemitérios em Lowell, e ninguém parecia saber em qual deles Jack estava enterrado. Ao investigar o seu obituário, finalmente encontrei o nome do cemitério, mas então precisei descobrir o caminho até lá. Ao chegar, o meu plano foi mais uma vez interrompido. O escritório estava fechado, não havia informações, e o túmulo de Jack poderia estar em qualquer lugar entre as milhares de lápides. Depois de vagar pelas travessas do cemitério por algumas horas, desisti da busca, mas retornei algumas semanas depois com John Macolini, um colega da faculdade e um grande devoto de Kerouac. Juntos finalmente encontramos o túmulo de Jack, mas eu sabia que deveria existir um modo mais fácil para fazer aquilo.

A localização de túmulos famosos, e em especial o quebra-cabeça de como encontrá-los exatamente, me pareceu ser uma espécie inusitada de caça ao tesouro, mas as responsabilidades da vida me acenaram e eu engavetei essa idéia. Então, em 1992, a morte de Sam Kinison, um comediante extremamente perturbado, me estimulou a experimentar um exercício mental bem peculiar: comecei a colecionar uma lista de mortos famosos que me interessavam, ou que poderiam interessar a alguém. Personalidades como Babe Ruth e James Dean vieram à mente rápido, e, depois que os nomes mais óbvios foram relacionados, desenterrei outros indivíduos notáveis em fontes de referência em bibliotecas. As edições de revistas que traziam a “retrospectiva do ano” foram especialmente úteis e revelaram muitas outras pessoas famosas incomuns ou obscuras, como Dian Fossey, Jim Fixx e Oskar Schindler. Após compilar uma lista de centenas de mortos ilustres, me tornei proprietário de uma pilha de informações aparentemente sem valor. Depois de tudo arquivado, voltei à minha vida normal.

Mas, em 1994, me deparei com um artigo de jornal sobre o assassinato de John Lennon. Em Nova York, do outro lado da rua do prédio Dakota, onde ele fora baleado, uma parte do Central Park havia sido dedicada à sua memória e nomeada “Strawberry Fields”. Mais de dez anos depois

da morte de John, um fluxo constante de visitantes, cuja determinação não mostrava nenhum sinal de abalo, continuava a aparecer ali para comunicar-se com o espírito do artista. A matéria do jornal relatava esse curioso fenômeno, ainda que o repórter mal conseguisse entendê-lo. Mas eu entendia.

Os humanos são os únicos que têm consciência de sua mortalidade. Apesar de alguns se agarrarem com otimismo ao conceito de um futuro feliz, a maioria reconhece a nossa minúscula contribuição para a infinita praia do tempo e, por renúncia, admite que a substância final de nossa vida individual é totalmente irrelevante. Mas, enquanto aceitarmos que todas as coisas passam e ninguém vive para sempre, nos esforçaremos para alcançar uma singularidade, um legado pelo qual possamos ser lembrados. Este típico desejo humano de continuar vivo é demonstrado pela importância e pela elaboração dos nossos cemitérios, nossa tendência a visitá-los e cuidar deles, e pela noção universalmente aceita de “respeito aos mortos”. Cada lápide, uma espécie de meio caminho entre a vida e a morte, confirma a individualidade. “Eu fui alguém”, elas parecem dizer.

Alguns 6.700 “alguéns” morrem nos Estados Unidos a cada dia, suas passagens são lamentadas pelos sobreviventes que mantêm acesa a chama de suas memórias até se juntarem a eles em cinzas e pó. Apesar de a maioria das mortes ser reconhecida por um círculo relativamente pequeno de familiares e amigos, algumas delas são mais popularmente lamentadas. Isso acontece quando certas pessoas deixam, por bem ou por mal, sua impressão duradoura na cultura da nossa sociedade. Esta cultura atinge a todos nós, e quando John Lennon ou qualquer outra pessoa famosa ou infame é lembrada, isto serve para reconhecer e celebrar a impressão única e duradoura que deixaram em nossa vida.

No outono de 1994, retomei minha lista de mortos ilustres e o passo seguinte tornou-se óbvio: era hora de encontrar e documentar o local de descanso dos nossos heróis culturais – e eu era a pessoa que deveria fazer isso. O projeto se adequava perfeitamente aos meus interesses por história, viagens e pesquisa, e, além disso, percebi que era uma oportunidade de tornar o mundo um pouco mais justo. De algum modo, não parecia honesto que poucos dos nossos ícones nacionais, como John F. Kennedy e Elvis Presley, gozassem do privilégio de serem adorados por aqueles que viajam até o local de seus túmulos bem documentados, enquanto ou-

tros indivíduos notáveis fossem relegados às margens, rejeitados e quase esquecidos.

Terminei por catalogar a localização de quase setecentos túmulos famosos, 245 deles são descritos neste livro, e, acredite em mim, foi um empreendimento enorme. Ocorreram muitas frustrações ao localizar diversos dos túmulos e eu persegui incontáveis becos sem saída. Entretanto, aquilo que não me matou, me fortaleceu, e eu agora sou grato por minha ignorância inicial: se eu tivesse compreendido as reais dimensões deste plano, certamente teria encontrado um outro passatempo, e você estaria zapeando a televisão agora.

No entanto, apesar dos inúmeros desapontamentos e dificuldades, eu tinha a impressão de ser sempre recompensado pela persistência. Toda situação decepcionante era seguida por uma vitória igualmente grandiosa. Em um cemitério na Califórnia, sofri com a fúria de algumas vespas cujo ninho eu havia incomodado inadvertidamente, mas esse acidente resultou em uma amizade com o administrador do local. Mais tarde, escrevi partes deste livro em sua magnífica casa nas montanhas em Sierra Nevada. Tive problemas com os carros alugados: certa noite, um Taurus particularmente azarado sofreu uma colisão com uma coruja míope e, vinte minutos depois, enquanto eu olhava através das rachaduras do pára-brisa ao percorrer uma área com nevoeiro em Wisconsin, um gambá suicida entrou na frente do carro. O gambá nunca soube o que lhe atingiu, mas eu aposto que os simpáticos funcionários da Hertz em Minneapolis ainda se contorcem ao lembrar do retorno daquele carro. Em outra ocasião, depusitei acidentalmente as chaves do carro em uma caixa de correio em Long Island, mas a minha estupidez foi recompensada quando descobri que o carteiro que apareceu para retirá-las conheceria Mario Puzo pessoalmente. O prestativo funcionário me mostrou a cova de Mario e, com umas latinhas de cerveja Bud Light retiradas de debaixo do assento do seu jipe do governo, saudamos ao criador da fictícia família criminosa Corleone. No Texas, perdi algumas páginas de notas durante uma horrível ventania, mas, alguns dias depois, no posto avançado de Picacho, no Novo México, me senti recompensado quando me requisitaram para ajudar a carregar o caixão de um pobre esquecido. Eu nunca sabia o que aconteceria na próxima curva da estrada, e sou grato por isso. Foi uma aventura.

Tenho uma última história para compartilhar. É um pouco longa, mas interessante. É verdadeira, e nos leva de volta ao início.

Em outubro de 1997, eu estava visitando túmulos famosos em Deep South, dirigindo de Nashville a New Orleans, quando, em uma área escura de Mississippi, entrei em um engarrafamento. Havia acontecido um acidente e a rodovia fora temporariamente fechada nos dois sentidos. O ar da meia-noite estava gelado, de modo que a maioria das pessoas permaneceu dentro de seus carros desligados, mas eu estacionei no acostamento, enfiei-me dentro do casaco e andei até o local do acidente. Era horrível, uma picape havia batido em uma ponte, e uma dúzia de curiosos formavam uma platéia para o grupo de resgate. Sem acreditar, reconheci o homem que estava de pé ao meu lado vestindo uma camisa de algodão e um chapéu creme com a aba plana. Tive de olhar duas vezes, sem conseguir confiar em meus olhos, até me convencer – era Bob Dylan. Uma hora antes ele havia tocado em um show na Universidade de Mississippi, mas agora estava anônimo nas sombras, trocando comentários curtos com seu segurança, um asiático de aspecto violento, quase tão largo quanto alto.

Casualmente me aproximei de Dylan e fiz um comentário sobre o acidente, mas ele se manteve circunspeto. Seu companheiro robusto me olhou com desconfiança, certamente temeroso de que o chefe terminasse como o seu velho amigo, John Lennon. Minha mente trabalhava em altíssima velocidade, eu procurava desesperadamente por um assunto um pouco melhor do que aquele papo-furado de fã que Dylan com certeza detestava. Sabendo que ele era um apreciador de boxe, arrisquei-me a fazer uma piada sobre a recente tentativa fracassada de Tyson de morder uma orelha, mas a conversa rapidamente terminou. Fui mais fundo. No dia anterior, em Montgomery, no Alabama, eu havia visitado o túmulo de Hank Williams e sabia que Dylan era um grande fã de Hank. Então contei a ele sobre isso. E, surpreendentemente, ele escutou. Pela primeira vez, ele me olhou enquanto eu falava. Afinal de contas, algo dessa história de túmulos era interessante.

O local do acidente estava quase desimpedido e os motoristas ficavam ansiosos. Os curiosos agora cochichavam e apontavam seus dedos; Dylan havia sido reconhecido, e um escoteiro nos interrompeu para pedir um autógrafa. O escoteiro foi embora satisfeito, mas o segurança do cantor

indicou que eles deveriam retornar para o ônibus da turnê. Dylan virou-se e então parou. Ele me perguntou: “Qual era o nome do cemitério?”.

Eu não sei se Bob Dylan alguma vez visitou o túmulo de Hank Williams, mas eu gosto de pensar que sim. Em 1975, ele havia visitado o túmulo de Jack Kerouac, em Lowell, e, sentado com as pernas cruzadas enquanto Allen Ginsberg o acompanhava cantando, dedilhou um violão para o deleite do fantasma de Jack. Foi uma homenagem apropriada. Esses pequenos agrados são bem convenientes quando visitamos o local de descanso de uma pessoa, seja de alguém famoso ou não. Minha principal motivação para ir a esses lugares nunca foi a de tirar fotos ao lado de túmulos ilustres ou de ticar uma folha com nomes de famosos, como se fosse uma lista de supermercado. Mantive conscientemente um modelo de decoro e, caso você escolha visitar algum desses locais, confio que preservará essa tradição.

E, no final das contas, imagino que este trabalho não se refere aos mortos e a seus túmulos como se fossem um monte de feijão. Ainda prefiro acreditar que manter acesa a chama da memória dessas pessoas é importante de alguma forma, mesmo que seja de um modo místico que não consigamos entender completamente. Por essa razão, sustento a minha parte daquele acordo não dito. Talvez agora você vá juntar-se a mim.

Tod Benoit



DESTAQUES DA GERAÇÃO X*

* Geração de norte-americanos nascidos nos anos 1960 e 1970. (N. T.)



KURT COBAIN

20/2/1967–5/4/1994

Com o lançamento de *Nevermind*, Kurt Cobain e sua inventiva banda, Nirvana, criaram de um só golpe uma nova derivação do rock'n'roll – o rock alternativo – e devolveram a sinceridade ao estilo, afastando-o dos sons processados, sintéticos e antiquados da década de 1980. A canção principal de *Nevermind*, “Smells like teen spirit”, foi adotada por uma geração descontente como um hino de tristeza e cinismo. O termo *grunge* foi adicionado ao vocabulário nacional, e lojas baratas lucraram com a febre das camisas de flanela.

Por ser extremamente solitário, Kurt nunca se interessou pelo estrelato. Assim, quando o Nirvana começou a decolar, a vida pessoal deste relutante herói da guitarra tornou-se uma montanha-russa. Ele foi afetado por um problema estomacal crônico que lhe causava uma dor tremenda e passou a se automedicar com heroína. O casamento em 1991 com Courtney Love, a despudorada líder da banda punk Hole, trouxe um pouco de segurança ao cantor, mas os rumores sobre o modo como o casal abusava das drogas tornaram-se cada vez mais freqüentes. Após um artigo da revista *Vanity Fair* em que Love era acusada de consumir heroína durante a gravidez, as autoridades de defesa do menor investigaram e proibiram o casal de permanecer sozinho com sua filha por um mês.

Apenas três anos e três álbuns de sucessos após o estouro de Nirvana, a saúde mental de Kurt havia piorado e a sua já proclamada angústia era intensa. Durante a turnê na Europa, em março de 1994, uma overdose deixou Kurt em coma por 24 horas. Apesar de terem encontrado cinquenta doses de Rohypnol, uma droga de prescrição médica semelhante ao Valium, no estômago de Kurt, o casal alegou que a overdose foi “um acidente”. Eles retornaram para Seattle, mas os problemas pioraram.

No final de março, Courtney internou Kurt em uma clínica de reabilitação e, enquanto ele tentava se recuperar, ela se hospedou em um hotel do outro lado da cidade para trabalhar no álbum de seu grupo. Mas Kurt fugiu da clínica e retornou para a casa deles, que se encontrava vazia. Em

5 de abril, Kurt se trancou na estufa sobre a sua garagem, injetou heroína pela última vez e, em seguida, se deu um tiro. Três dias depois, um eletricitista que chegava para trabalhar no sistema de segurança da casa descobriu o corpo já em estado de decomposição. Deduziram que era Kurt, e ele acabou sendo identificado por suas digitais.

Kurt deixou um bilhete, porém existe uma pequena controvérsia. A nota de suicídio de Kurt soa como o rascunho de um pronunciamento sobre sua retirada do meio artístico – apenas nas últimas quatro linhas existe alguma alusão à idéia de que ele talvez estivesse se retirando da vida. E exatamente aí está a questão: as últimas linhas foram adicionadas após sua assinatura, e estão escritas com uma letra semelhante, mas diferente. É claro que, após raciocinar um pouco, alguns passaram a acreditar que Kurt foi assassinado e que seu assassino cruel, ao encontrar o bilhete, simplesmente acrescentou algumas linhas para transformá-lo em uma mensagem de suicídio.

Mas tudo é muito improvável. Parece bem claro (pelo menos para este autor) que o bilhete deve ter sido escrito originalmente como um discurso de aposentadoria, mas, ao chegar o momento de acabar com sua vida, Kurt percebeu que aquele rascunho servia muito bem como uma nota de suicídio. Em seu estado mental atormentado, antes de se matar, ele rabiscou algumas linhas rápidas para sua família e se deu por satisfeito.

O bilhete está disponível na internet, e você, leitor, pode chegar às suas próprias conclusões. Os ídolos nunca desaparecem simplesmente, não é mesmo?

Aos 27 anos, Kurt foi cremado. Desde então foi divulgado que suas cinzas foram espalhadas em, bem, todos os lugares.



RIVER PHOENIX

23/8/1970–31/10/1993

Batizado assim por causa do rio da vida presente no romance da contracultura *Sidarta*, de Herman Hesse, River Phoenix foi um galã adolescente idolatrado e muito aclamado por sua sensibilidade e disponibilidade.

O garoto de ouro passou a primeira infância na Venezuela, onde seus pais trabalhavam como missionários do Children of God.* Logo depois que a família se mudou para Los Angeles, o garoto de dez anos conseguiu papéis em comerciais que o levaram a uma série de televisão, *Seven brides for seven brothers*, e finalmente a uma carreira no cinema.

O potencial para o estrelato do ator politizado e *vegan*** ficou claro primeiramente em *Conta comigo*. Seus papéis seguintes podem ser apontados pelas semelhanças autobiográficas: em *A costa do mosquito* ele representou o filho de um idealista renegado que seqüestra a família em uma selva da América Central; em *O peso de um passado* foi indicado ao Oscar pelo papel do filho de radicais fugitivos; e em *Garotos de programa*, o personagem de River sofria com convulsões de narcolepsia.

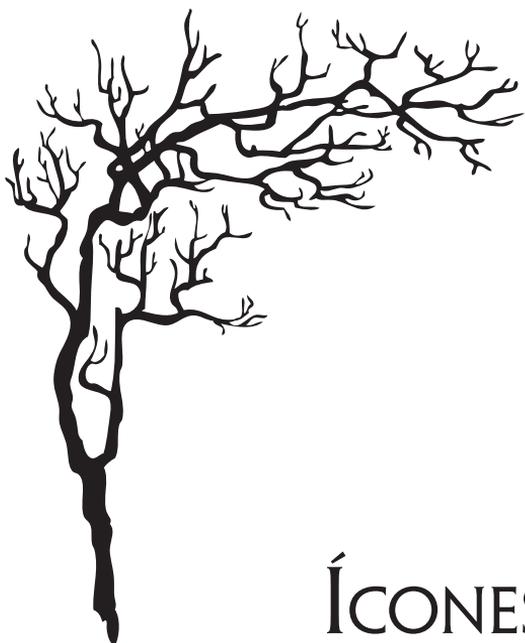
Como toda geração que enfrenta o momento em que o mito de sua própria imortalidade é despedaçado, a Geração X também sofreu com a morte precoce de River. Ela aconteceu do lado de fora do clube de Johnny Depp, em Los Angeles, o Viper Room, em um dia das bruxas de 1993. Depois de sete ou oito minutos de terríveis convulsões, em que sua irmã Rain permaneceu histérica sobre ele, na tentativa desesperada de parar de alguma forma os espasmos, River ficou imóvel e azul sobre a calçada até a chegada dos paramédicos.

Ele nunca retomou a consciência, e sua morte foi atribuída a uma acidental “aguda intoxicação múltipla por drogas” envolvendo níveis letais de cocaína e morfina.

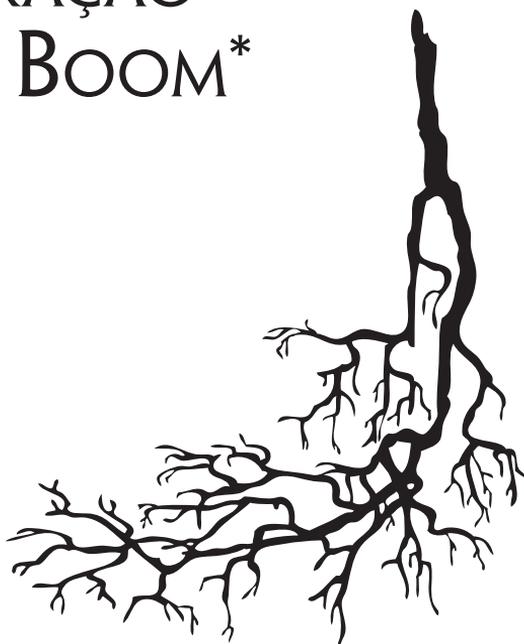
River foi cremado e suas cinzas foram espalhadas no rancho de sua família perto de Gainesville, na Flórida.

* Seita *hippie* dos anos 1970 que se destacava pela quantidade de crianças e que, mais tarde, foi acusada de pedofilia. (N. T.)

** Vegetariano mais rigoroso que não consome alimentos e produtos de origem animal. (N. T.)



ÍCONES DA GERAÇÃO BABY BOOM*



* Geração de norte-americanos nascidos em uma época de aumento da taxa de natalidade, logo após a Segunda Guerra Mundial. (N. T.)



ABBOTT E COSTELLO

Lou Costello

6/3/1906–3/3/1959

Willim “Bud” Abbott

2/10/1895–24/4/1974

Com seus números inteligentes em que uma dupla improvável se importunava criando diversos mal-entendidos, Bud Abbott e Lou Costello formaram uma das mais bem-sucedidas parcerias cômicas na história de Hollywood. Abbott interpretava o homem sério e ofensivo que “nunca estava se divertindo”, enquanto Costello era o agitado “mau garoto” – um inocente bufão baixo e gordo que sempre sofria com as censuras de seu parceiro e ganhava a simpatia das platéias em meio a acessos de gargalhadas. A dupla de língua afiada conquistou a fama no rádio, na Broadway e na televisão, tendo obtido seu maior sucesso na indústria cinematográfica.

Eles se juntaram oficialmente em 1936 e logo lançaram o programa de rádio *The Kate Smith hour*. Foi com esse programa que seu clássico bordão “Who’s on first?” (Quem vai primeiro?) roubou a atenção da nação norte-americana, e Abbott e Costello alcançaram a fama. Em 1939, eles assinaram um contrato com a Universal Pictures. Seus primeiros filmes, incluindo *Buck privates*, foram bem recebidos, mas os maiores sucessos ainda estavam por vir. Em 1948, a dupla desenvolveu um gênero de horror cômico com o hilário *Abbott and Costello encontram Frankenstein*, que deu início à era dos filmes *Abbott and Costello encontram...* Ao longo dos oito anos seguintes, os dois realizaram uma série de filmes nos quais eles encontravam o Homem Invisível, a Múmia, o Dr. Jekyll e Mr. Hyde, entre outros.

Quando Bud e Lou desfizeram sua parceria, em 1956, os tablóides começaram a especular exageradamente sobre alguma desavença entre